

SEMINÁRIOS IMAGÉTICA E CONEXÕES MUNDIAIS (a investigação em coordenação com os três ciclos de ensino superior)

Coordenação científica:

Maria Leonor García da Cruz (CHUL, Universidade de Lisboa) e Maria de Deus Beites Manso (CICP, Universidade de Évora)
ml.garciacruz@gmail.com / mariadeusmanso@gmail.com

Organização:

Centro de História da Universidade de Lisboa (UID/HIS/04311/2019) / Programa de Estudos Imagética
Centro de Investigação em Ciência Política (CICP)

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 24 de Janeiro de 2020, sala Instituto Fernão Lopes, 16h - 18h

XII ciclo de palestras

Investigadora convidada:

AGATA BŁOCH

Doutoranda. Tadeusz Manteuffel Instituto de História.
Academia Polaca das Ciências (Varsóvia, Polónia)
Cotutela com a Universidade Nova de Lisboa
E-mail: agata.natalia.bloch@gmail.com

TEMA DA PALESTRA

Os subalternos no império colonial português oitocentista: o agenciamento dos povos africanos e indígenas e a sua contribuição à construção da monarquia pluricontinental

As relações dos grupos subalternos com o poder colonial são analisadas a partir de teorias de rede, de subalternidade (Spivak 1983, Latin American Subaltern Studies 2002) e de interseção. Na primeira etapa da tese, realizou-se uma análise em macro escala de rede sociais com base em cerca de 170.000 registos do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. Para este fim, foi criada uma base de dados para a realização desta tese, baseada nos algoritmos de Machine Learning e Natural Language Processing. As estruturas de rede permitiram identificar os principais agentes sociais e as suas relações coloniais, bem como mostrar o papel das periferias na construção de um império colonial. Na fase seguinte, concentrei-me em analisar as relações destes agentes com os subalternos a partir da correspondência original entre ambas partes. Em relação aos subalternos, foi estudado como os indivíduos em questão negociaram as suas relações, como se identificaram e como se posicionaram na estrutura da rede. Uma análise em micro escala das suas redes sociais mostra que os subalternos estavam "inseridos" nas redes sociais, enquanto a sua posição dependia tanto de seu entorno mais direto, bem como de outros nós na rede. Se o subalterno realmente podia "falar" (Spivak 1983) se pode responder através da aplicação da teoria da interseção. Spivak enfatizou que os subalternos eram heterogêneos e se diferiam uns dos outros em termos de status social, gênero ou inclusive idade. Os pesquisadores latino-americanos adicionaram que esses grupos também estavam divididos etnicamente, porém na subalternidade viram uma possibilidade de seu agenciamento individual e coletivo. É necessário pensar neles através de uma forma interseccional que realce não só a multiplicidade de identidades individuais, mas também aponte como diferentes categorias sociais posicionaram eles nas relações para com o poder colonial.

Contactos:

Seminários Imagética e Conexões Mundiais – Coordenação
ml.garciacruz@gmail.com / mariadeusmanso@gmail.com
<https://sites.google.com/site/imagetica0flul/>